

Repensando o ser índio com os Guarani e Kaiowá hoje

Autor: Joana Aranha Moncau

2º semestre/ 2012

Roteiro de Atividades Didáticas

Atividade 1 - Diagnosticando o índio que mora na cabeça dos alunos. Apontando para os índios que moram no Brasil de hoje.

Essa atividade servirá como referência para todas as demais atividades. A ideia é construir junto com os alunos a imagem e as ideias que têm sobre o que é ser um índio. Posteriormente desconstruí-las ou reforçá-las.

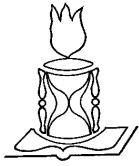
Objetivos: Ter um bom ponto de partida para trabalhar possíveis estereótipos e desconstruí-los.

Previsão de desenvolvimento: 3 aulas de 45 minutos, sendo:

- 1) Aula para introdução ao tema e livre associações dos alunos sobre o que é ser “índio” – a construção do estereótipo;
- 2) Aula para começar a desconstruir o índio imaginado pelos alunos.
- 3) Aula para repensar o que é ser “índio”

Recursos necessários:

- Aparelho retroprojetor e laptop.
- Fotos diversas sobre indígenas, desde imagens da época da colônia até os dias de hoje.



Dinâmica utilizada

Discussão em grupo da problemática proposta pelo professor: “O que é ser índio?”, e posterior redação. Análise de imagens e de música.

Aula 1: A construção do estereótipo

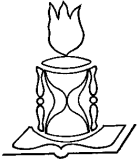
Para esta atividade propomos que o/a professor/a comece a aula dando uma rápida introdução sobre a importância e a presença do índio no Brasil. Da forte presença que tinham quando essas terras foram colonizadas aos dias de hoje.

Alguns dados recentes, como a quantidade de indígenas que existem hoje no país, a de línguas, as diversas etnias podem ajudar a ilustrar a forte presença indígena no Brasil atualmente.

Isso feito abre-se o debate. Algumas fotos poderiam ser apresentadas para estimular a discussão: imagens hipotéticas do “primeiro encontro” em 1500, além de imagens atuais de indígenas de diversas etnias e diversas regiões do Brasil.

Seguem sugestões de imagens para apresentar no retroprojetor ou impressas, outras podem ser encontradas facilmente digitando a palavra “indígenas” no *Google* e procurando no banco de imagens:





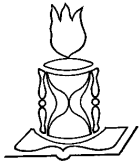
Abaixo algumas perguntas que podem guiar a discussão:

- O que faz com que uma pessoa seja considerada indígena?
- Quem vocês acham que ainda é índio hoje?
- Quando você imagina um “índio”, como ele é?
- Como um índio deve ser?
- Onde vivem os índios?
- Algum dos alunos já teve contato com algum indígena? Se sim, quando? Onde? Como foi? Como percebeu que se tratava de um indígena? Qual foi a sensação de encontrar pela primeira vez um indígena?

Após o debate, sem concluir nada ainda, o professor/professora pede aos alunos que escrevam, individualmente, um pequeno texto sobre “o que é ser “índio””.

Aula 2: A desconstrução.

Primeira parte: Retomar brevemente os pontos discutidos na aula anterior. Muito provavelmente, a imagem que terão apresentado dos indígenas será uma muito próxima à da chegada dos europeus às terras que viriam a se tornar o Brasil. Afinal, esse senso comum ainda permeia boa parte dos brasileiros.



Desenvolver com os alunos a seguinte questão:

- Esse índio pode se tornar um “não-índio”?
- Existe “ex-índio”?
- O que para os alunos constitui um “ex-índio”?
- Como e quando alguém deixa de ser índio?

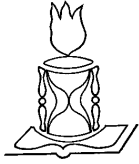
Parte 1: Cultura viva.

A ideia é que a partir dessas questões se reflita sobre como o estigma do que é ser índio funcionaria muitas vezes como uma prisão para os mesmos que, facilmente, passam a ser visto como não-índios pelos “brancos”. Use a mesma imagem do suposto primeiro encontro em 1500 para encaminhar o debate:



Observe com eles os indígenas: Como estão pintados? Assim deveriam ser ainda hoje? Assim o são?

Agora observem os colonizadores europeus, ou os “brancos”: Como estão pintados? Seguem assim ainda hoje? Ou seja, locomovem-se em barcos como esses, usam essas roupas, possuem as mesmas organizações sociais da época?



Os europeus deixaram de ser brancos ou europeus por causa das mudanças que sofreram ao longo desses séculos? Por que o indígena deveria deixar de ser considerado como tal por conta de ter mudado aspectos de sua cultura nesse intervalo de tempo ou assimilado costumes e tecnologias contemporâneos?

As culturas são vivas, para um e para outro.

Citar exemplos de indígenas que recorrem a elementos modernos: facebook, internet, universidades, rap, tênis, calça jeans, máquinas digitais, óculos escuros, etc.

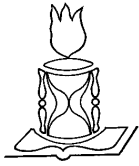
Apenas alguns exemplos presentes nas fotos usadas na primeira aula. A advogada indígena abaixo é Joênia Wapichana, primeira mulher indígena advogada e primeira a pisar no Supremo Tribunal Federal. Nesta ocasião, ela teve importante papel para defender a demarcação das terras reivindicadas por seu povo, a Terra Indígena Raposa Serra do Sol, em 2009.



Abaixo, Jorge, um Xavante da aldeia Pimentel Barbosa, no município de Água Boa (Mato Grosso) que participa do projeto “Vídeo nas Aldeias”, que capacita indígenas para fazerem vídeos sobre suas próprias aldeias.



Abaixo, o Guarani-Kaiowá Tônico Benites. Antropólogo e doutorando em antropologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Sua aparência não condiz em nada com aquela do indígena imaginado, provavelmente. Entretanto, ele é uma importante liderança de seu povo, atuante na Aty Guasu e cuja principal luta é pelas demarcações das terras indígenas Guarani-Kaiowá.



Com isso a ideia é desmontar aquela imagem do indígena como alguém que ficou parado no tempo, em 1500. Um Guarani-Kaiowá doutor, de óculos escuros e que viaja ou mora fora da sua aldeia para estudar, também é indígena. Um indígena pode ser cineasta e mesmo atuar no STF.

Parte 2: Matando a cultura

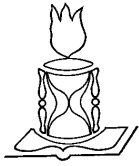
Outra ideia importante de se trabalhar é sobre onde vivem os indígenas. Onde os alunos acham que eles vivem?

Muitos costumam pensar que é na Amazônia. Aqui seria bacana apresentar os dados recentes do Censo de 2010, segundo o qual mais de 50% do total da população indígena no país vive fora da Amazônia Legal e essa mesma porcentagem ocupa menos de 2% das Terras Indígenas.

Segue o link para um infográfico feito pela Folha de São Paulo com alguns desses dados:

<http://www1.folha.uol.com.br/poder/1135045-brasil-tem-305-etnias-e-274-linguas-indigenas-aponta-censo-2010.shtml>

Algumas questões que podem ser tratadas a partir dessa constatação: como preservar a cultura sem a terra? Como fazer cocar se já não há mata para os pássaros viverem? Como fazer festas rituais se já não há mais milho ou mandioca para colher? Como viver sem vender a força de trabalho na cidade ou nas fazendas se já não há mais terra suficiente para subsistência? Como fazer materiais ritualísticos se já não há mais madeiras?



Aula 3: Mas afinal, quem é índio?

Essa aula pretende apenas encaminhar as discussões realizadas nas aulas anteriores. Se o “índio” não pode ser definido pelo modo de se vestir (com cocares, poucas roupas, urucum, e chocalhos, por exemplo); nem por um estilo de vida restrito à natureza; tampouco pelo isolamento de sua comunidade em relação à sociedade branca e “civilizada”, afinal, quem pode ser considerado “índio” hoje em dia? Ou seja, no limite, qual a diferença que existe entre um “índio” e um “não-índio”?

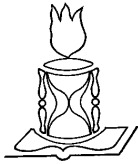
Talvez essa seja uma questão que se desdobre das discussões e da desconstrução do estereótipo do “índio” que morava na cabeça dos alunos. Realmente trata-se de uma pergunta complexa e que não tem uma resposta pronta e verdadeira. Não existe uma linha rígida que faça essa delimitação.

Além de tudo, vale ressaltar que, sobretudo, essa é uma pergunta política. O maior interessado em respondê-la ou em encontrar uma resposta definida para ela é, geralmente, o Estado, já que é ele quem tem uma série de deveres e obrigações para com esses povos. Muitas vezes também os próprios povos indígenas que exigem seu reconhecimento para acessar a uma série de direitos. É importante deixar claro que cada época, de acordo com suas “crenças”, interesses políticos e atores políticos envolvidos, desenvolveu uma resposta para essa pergunta.

Hoje em dia, como disse o antropólogo Viveiro de Castro: “Só é índio quem se garante”. Segundo esse antropólogo, “no Brasil todo mundo é índio, exceto quem não é”. A afirmação parece irônica, mas tem um sentido profundo e complexo. A autodeterminação é o método usado para o reconhecimento de um indígena, mas não é qualquer um que pode se declarar “índio”, pois é preciso que a comunidade confirme e respalde essa pessoa para que seja reconhecida como “índio”.

A questão não é simples e é importante os alunos perceberem que não existe resposta fácil para ela. É uma questão política. O limite é mais tênue do que parecia. Ainda assim, fica a pista para que procurem conhecer os povos indígenas do Brasil.

Vale apresentar para os alunos o primeiro grupo de rap indígena, os Brô's MC, composto por jovens Guarani-Kaiowá. Cantam em português e em guarani e versam



sobre sua realidade nas reservas indígenas de Dourados, a maior favela indígena do país. Pode ser uma forma interessante de aproximá-los dos jovens indígenas e de reiterar que há indígenas fazendo rap, sim, e a partir dele pleiteando seus direitos enquanto indígena, inclusive. Um rap indígena é possível - sem que o indígena seja Menos indígena e se que o rap seja menos rap:

<http://www.youtube.com/watch?v=oLbhGYfDmQg>

Para finalizar, cada aluno, individualmente, deverá escrever novamente sobre “o que é ser índio”. Posteriormente, o professor poderá comparar as respostas apontadas na ‘Aula 1’ com essas.

Atividade 2: Os Guarani-Kaiowá

Aqui, trabalharemos com um breve panorama sobre esse que é o segundo maior povo indígena do Brasil e o maior povo fora da Amazônia. Mostraremos como os Guarani-Kaiowá recorrem a elementos modernos para reivindicarem seus direitos e realizarem sua cultura. Ao mesmo tempo, esse mesmo mundo “moderno” acabou por favorecer o agronegócio na região do MS que lhes privou de diversos elementos da sua cultura que dependiam do acesso à terra, além de ter levado esse povo a viver uma das maiores crises humanitárias do país.

Objetivos: Conhecer o povo Guarani-Kaiowá.

Previsão de desenvolvimento: 3 aulas de 45 minutos, sendo:

- 1) Aula para introdução da situação dos Guarani-Kaiowá
- 2) Aula para debater a relação com a terra no MS: agronegócio x indígenas
- 3) Aula para compreender algumas formas de resistência desse povo

Recursos necessários:

- Aparelho retroprojeter e laptop.

Dinâmica utilizada

Discussão em grupo baseada em vídeos, textos e charges.



Aula 1: Como chegamos aqui?

O ponto de partida para a discussão será o vídeo Pajerama (9'04") - disponível no seguinte link: <http://www.youtube.com/watch?v=BFzv0UhHcS0>.

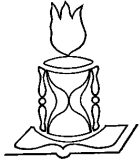
A animação mostra um índio, provavelmente guarani, da cidade de São Paulo se deparando pouco a pouco com o tal do “progresso” e do “desenvolvimento”. O desenho mistura uma suposta São Paulo antes da chegada da cidade com os elementos de uma metrópole como essa: agressiva, barulhenta, imponente e cheia de aço e concreto. O índio demora a decifrar o novo ambiente que, ao mesmo tempo, nunca deixa de ser o velho ambiente. Ele transita por esses dois mundos que se relacionam. A selva de pedras é também sua selva.

Diversas discussões podem ser feitas a partir desse vídeo. Por exemplo, a existência de índios na cidade de São Paulo (os Guarani Nhandeva e Mbyá no Pico do Jaraguá e em Parelheiros, ou os Pankararu, na favela Real Parque, dentre outros): os alunos já se deram conta de que vivem tão perto de comunidades indígenas? Já tiveram curiosidade de conhecê-las? Ou ainda, como os já mencionados “progresso” e “desenvolvimento” foram violentos com esses povos, com a natureza. Mas a discussão que sugerimos aqui é entender como esses povos também estão sujeitos à história e às mudanças por ela provocadas, não estão “isolados” e alheios à história. Além disso, também eles são sujeitos dessa história.

Pretendemos demonstrar como a situação dos Guarani-Kaiowá chegou a esse ponto de crise humanitária. Como o segundo maior grupo indígena ficou confinado em pouco mais de 43 mil hectares. Como o “desenvolvimento” e o “progresso” atropelou esse povo. Recomendamos que seja apresentado aos alunos um pouco da história e alguns dados sobre esse povo e algumas das formas de resistência que realizam, como a retomada de terras.

2) Aula para debater a relação com a terra no MS: agronegócio x indígenas

O ponto de partida da discussão será o vídeo “Abuela Grillo” (10') – disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=YMM7vM7aiNI>



A animação é uma adaptação do mito Ayoreo da Bolívia. Relata a história de uma senhora, a Abuela Grillo. Uma chola boliviana, provavelmente, que tem o poder de fazer chover com seu canto e, com isso, a natureza cresce, floresce, sobrevive. A senhora é aprisionada por empresários. A seca vem. A natureza morre. Com o canto forçado e sentido da senhora os empresários enchem garrafas de água para vender. É a fonte de água inesgotável que conseguiram e com a qual lucram rios de dinheiro. Um belo dia, esgotada, triste e já sem forças, a Abuela Grillo cai em tamanho pranto e seu canto é de tal agonia que a natureza responde a ele com a força da tristeza dessa senhora. Os empresários já não podem controlar a água. Um dilúvio varre tudo. A Abuela parte livre novamente para caminhar e molhar a terra com a chuva que seu canto traz. A terra volta a semear. O verde volta à paisagem.

Aqui podem ser realizadas diversas relações entre o vídeo e a história e cultura Guarani-Kaiowá. É importante estimular os alunos a deixarem suas impressões e a estabelecerem possíveis relações. As seguintes perguntas podem estimular o debate: No filme, como se dão as diferentes relações com a natureza? E entre os indígenas e aqueles que cobiçam suas terras?

Depois sugerimos lançar alguns dados sobre a realidade no MS e estabelecer outras possíveis relações. Como as terras no filme que secaram assim que a água do canto da Abuela foi transformada em mercadoria, no Mato Grosso do Sul, as terras que pertenciam originalmente aos indígenas foram transformadas em mercadoria e o que se vê lá hoje é um verdadeiro deserto verde de soja e cana. Poderia apresentar alguns números sobre essas monoculturas, o agronegócio e o desmatamento no estado.

Assim como a Abuela se cansou, entristeceu e ficou agoniada com o fim que estavam dando para seu dom, também os indígenas estão no limite e se organizam para retomar suas terras, para devolver o verde às suas florestas.

Assim como a Abuela fazia chover, também os Guarani-Kaiowá o fazem. Também eles atribuem um forte poder às palavras, aos cantos e às rezas. A natureza é aliada deles e constantemente convocada.



Vale mencionar o acosso que sofrem por parte dos fazendeiros e da população em geral, que ainda parece valorizar mais o mundo da mercadoria do agronegócio que o mundo indígena.

Qual a opinião dos alunos sobre essas duas formas de se relacionar com o mundo?

3) Aula para compreender algumas formas de resistência desse povo

Imprimir e distribuir a seguinte carta escrita pela comunidade Guarani-Kayowá de Pylito Kue que cansou de esperar pela demarcação de suas terras tradicionais.

“Carta da comunidade Guarani-Kaiowá de Pylito Kue/Mbarakay-Iguatemi-MS para o Governo e Justiça do Brasil

Nós (50 homens, 50 mulheres, 70 crianças) comunidades Guarani-Kaiowá originárias de tekoha Pylito kue/Mbrakay, vimos através desta carta apresentar a nossa situação histórica e decisão definitiva diante de despacho/ordem de nossa expulsão/despejo expressado pela Justiça Federal de Navirai-MS, conforme o processo nº 0000032-87.2012.4.03.6006, em 29/09/2012. Recebemos esta informação de que nós, comunidades, logo seremos atacada, violentada e expulsa da margem do rio pela própria Justiça Federal de Navirai-MS. Assim, fica evidente para nós, que a própria ação da Justiça Federal gera e aumenta as violências contra as nossas vidas, ignorando os nossos direitos de sobreviver na margem de um rio e próximo de nosso território tradicional Pylito Kue/Mbarakay. Assim, entendemos claramente que esta decisão da Justiça Federal de Navirai-MS é parte da ação de genocídio/extermínio histórico de povo indígena/nativo/autóctone do MS/Brasil, isto é, a própria ação da Justiça Federal está violentando e exterminado e as nossas vidas. Queremos deixar evidente ao Governo e Justiça Federal que por fim, já perdemos a esperança de sobreviver dignamente e sem violência em nosso território antigo, não acreditamos mais na Justiça Brasileira. A quem vamos denunciar as violências praticadas contra nossas vidas?? Para qual Justiça do Brasil?? Se a própria Justiça Federal está gerando e alimentando violências contra nós. Nós já avaliamos a nossa situação atual e concluímos que vamos morrer todos mesmo em pouco tempo, não temos e nem teremos perspectiva de vida digna e justa tanto aqui na margem do rio quanto longe daqui. Estamos aqui acampados 50 metros de rio Hovy onde já ocorreram 4 mortos, sendo 2 morreram por meio de suicídio, 2 morte em decorrência de espancamento e tortura de pistoleiros das fazendas. Moramos na margem deste rio Hovy há mais de um (01) ano, estamos sem assistência nenhuma, isolada, cercado de pistoleiros e resistimos até hoje. Comemos comida uma vez por dia. Tudo isso passamos dia-a-dia para recuperar o nosso território antigo Pyleito Kue/Mbarakay.

De fato, sabemos muito bem que no centro desse nosso território antigo estão enterrados vários dos nossos avôs e avós, bisavôs e bisavós, ali estão o cemitérios de todos nossos antepassados. Cientes desse fato histórico, nós já vamos e queremos ser morto e enterrado junto aos nossos antepassados aqui mesmo onde estamos hoje, por isso, pedimos ao Governo e Justiça Federal para não decretar a ordem de despejo/expulsão, mas solicitamos para decretar a nossa morte coletiva e para enterrar nós todos aqui. Pedimos, de uma vez por todas, para decretar a nossa dizimação/extinção total, além de enviar vários tratores para cavar um grande buraco para jogar e enterrar os nossos corpos. Esse é nosso pedido aos juízes federais. Já aguardamos esta decisão da Justiça Federal, Assim, é para decretar a nossa morte coletiva Guarani e Kaiowá de Pylito Kue/Mbarakay e para enterrar-nos todos aqui. Visto que decidimos integralmente a não sairmos daqui com vida e nem morto e sabemos que não temos mais chance em sobreviver dignamente aqui em nosso território antigo, já sofremos



muito e estamos todos massacrados e morrendo de modo acelerado. Sabemos que seremos expulsos daqui da margem do rio pela justiça, porém não vamos sair da margem do rio. Como um povo nativo/indígena histórico, decidimos meramente em ser morto coletivamente aqui. Não temos outra opção, esta é a nossa última decisão unânime diante do despacho da Justiça Federal de Navirai-MS.

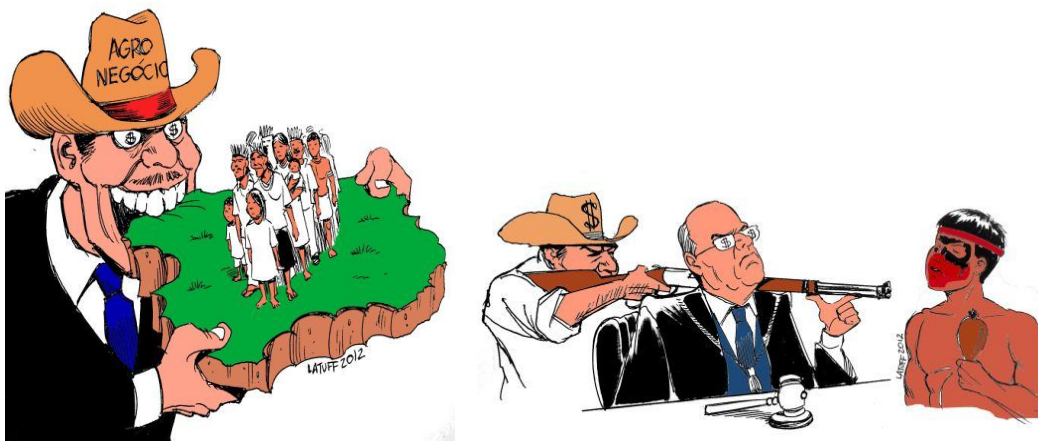
Atenciosamente,

Tekoha Pyelito Kue/Mbarakay-Iguatemi-MS, 08 de outubro de 2012

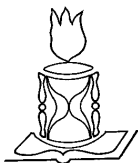
170 comunidade Guarani-Kaiowá de Pyelito Kue/Mbarakay”

Após leitura com os alunos, discutir as formas de resistência desse povo e a situação das demarcações de terras Guarani-Kaiowá. A retomada é uma delas. Como essa realizada por esse grupo existem outras 30, ao menos, no MS, segundo levantamento feito pelo CIMI. Interessante contar um pouco das motivações e da vivência de uma retomada, conforme demonstra o depoimento do antropólogo Tônico Benites no texto de referência deste material.

As seguintes charges podem ser usadas para refletir sobre a situação de tensão e opressão pela qual passam nesse processo de luta pela demarcação de suas terras:



Outro meio que tem sido bastante utilizado na luta desse povo é a internet. A carta que usamos nesta aula, por exemplo, circulou amplamente e gerou uma comoção nacional e internacional em apoio aos Guarani-Kaiowá. As próprias charges acima foram criadas em torno dessa comoção. A seguir uma fotorreportagem, ainda que em espanhol, que serve para ilustrar o resultado do uso dessa ferramenta. Ela elenca boa



Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - FFLCH
Departamento de Sociologia

Laboratório Didático - USP ensina Sociologia

parte dos atos realizados em apoio a esse povo, no dia 09 de novembro de 2012, como consequência da difusão e solidariedade geradas pela carta.

Fotorreportagem “Todos somos Guarani-Kaiowá”:

<http://desinformemonos.org/2012/11/guarani-kaiowas/>

E os alunos, gostariam de se solidarizar com esse povo? Se se interessarem podem buscar a organização política deles, a Aty Guasu, grande assembleia no facebook:

<http://www.facebook.com/aty.guasu?ref=ts&fref=ts>